



ARTIGOS – ARTICLES

Tragédia anunciada: Julien Benda e a (re) volta da traição dos Intelectuais¹

Marta Nunes da Costa²

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
nunesdacosta77@gmail.com

Como citar este artigo: COSTA, M. N. Tragédia anunciada: Julien Benda e a (re) volta da traição dos Intelectuais, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº17, p. 01-14. 2024. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: Neste artigo irei revisitar indiretamente a obra emblemática de Julien Benda intitulada *A Traição dos Intelectuais*, de 1927, como forma de levantar a questão que irá orientar o texto: assistimos a uma volta da traição dos intelectuais hoje? Se sim, que forma ela assume? O artigo tem três momentos. No primeiro, contextualizo a obra e mostro como a identificação inicialmente postulada por Benda entre filósofo e intelectual gera, na sua época, uma dissociação importante e uma subversão do conceito de intelectual. No segundo momento, exploro as implicações dessa subversão e aponto para a defesa da democracia feita por Benda no contexto pós-Guerra. No terceiro momento, exploro os indícios da traição dos intelectuais nos dias de hoje, a partir de exemplos pontuais de práticas das universidades e sugiro que o atual cenário representa o anúncio de uma tragédia já conhecida.

Palavras-chave: Julien Benda. Democracia. Liberdade. Totalitarismo.

¹ Este artigo foi apresentado como palestra no I Encontro Nacional do Grupo de Estudos Democráticos, realizado na UFMS entre os dias 14 e 18 de outubro de 2024.

² Possui doutorado em Filosofia e Ciência Política - New School for Social Research (2006) com uma tese intitulada *Redefining Individuality - Reflections on Kant, Adorno and Foucault*. A sua tese foi publicada em 2011 pela Húmus Editora (Portugal). As suas áreas de especialização são Ética, Teoria e Filosofia Política, Teorias da democracia, filosofia moderna e filosofia contemporânea. É professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde ministra aulas de graduação do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas.

Announced Tragedy: Julien Benda and the (re) turn of the treason of intellectuals

Abstract: In this article, I will indirectly revisit Julien Benda's emblematic work entitled *The Treason of the Intellectuals*, from 1927, as a way of raising the question that will guide the text: are we witnessing a return of the treason of intellectuals today? If so, what form does it take? This article has three parts. In the first, I contextualize the work and show how the identification initially postulated by Benda between philosopher and intellectual generates an important dissociation and a subversion of the concept of intellectual. In the second part, I explore the implications of this subversion and point to Benda's defense of democracy in the post-war context. In the third part, I explore the signs of the treason of intellectuals today, based on specific examples of university practices, and I suggest that the current scenario represents the announcement of a tragedy that is already known.

Keywords: Julien Benda. Democracy. Freedom. Totalitarianism.

Introdução

O livro de Julien Benda, publicado em 1927, deveria ser leitura obrigatória para todos aqueles que se colocam a questão da tarefa da filosofia, pelo menos desde o episódio fatídico da morte de Sócrates. Como Hannah Arendt alertara, foi com a condenação de Sócrates que se tornou clara a aparente impossibilidade de conciliação entre Filosofia e Política³. Quem diz a verdade ao poder - quem fala francamente, no sentido da *parrhesia* - corre sempre um risco de vida, pois aquele que ouve - seja este o Rei, o Tirano ou a Assembleia democrática - raramente aceita com tranquilidade o que lhe é dito.

Para dizer a verdade é preciso cumprir alguns requisitos. Não é qualquer um que tem esse direito: de se colocar diante do Rei e apontar suas falhas, transmitir as opiniões impopulares que circulam a seu respeito. O bobo da corte cumpria essa função exemplarmente e era protegido pelo papel que aceitava desempenhar: dizia a verdade através do riso, do deboche, do caráter

³Diz Arendt: “O abismo entre filosofia e política abriu-se historicamente com o julgamento e condenação de Sócrates, que constituem um momento decisivo na história do pensamento político, assim como o julgamento de Jesus constitui um marco na história da religião.”(ARENDR, H. A dignidade da política. RJ: Relume Damará, 2002, p.91)

despretensioso de si mesmo, mas em última análise representava a figura do "amigo"⁴.

Num horizonte democrático onde o Antigo Regime foi substituído pelos ideais revolucionários franceses de igualdade, liberdade e fraternidade, cada país se reinventa à imagem de seus filósofos e intelectuais. Foram estes, afinal, que promoveram a destruição da ordem e a sua substituição pelo novo; o caos foi vangloriado como meio inevitável do retorno a si - anunciando o que viria a ser a missão de descobrir ou inventar o seu "eu autêntico"; os conceitos foram redefinidos, culminando na associação e quase equiparação absoluta entre virtude e natureza: esses dois conceitos que historicamente sempre se colocaram em lados opostos da história e convergiam no ser humano, passam a sobrepor-se quando Robespierre, autor iluminado e representante da própria revolução, se apresenta como encarnação da vontade geral rousseauiana⁵.

Quem é o filósofo? Qual o seu papel? Tal como defendi em outro momento⁶, há várias definições de Filosofia, logo, depreende-se com isto que existem várias definições de "filósofo". Se partimos da concepção de Filosofia como modo de vida, o filósofo é aquele que vive filosoficamente, ou seja, que busca a convergência e harmonia entre a teoria e a prática, entre os pressupostos, os axiomas e as suas ações. O filósofo distingue-se dos demais seres humanos pelo seu compromisso consciente com uma teoria cosmológica e metafísica; mas também por levar uma vida examinada, por tornar-se objeto de sua própria atenção e por compreender que seu modo de vida é seu maior testemunho da verdade. A filosofia como caminho na, da e para a Verdade, que Heidegger resgata no século XX, faz convergir dois sentidos de verdade: a verdade do que é dito (e a correspondência entre o que é e o que se diz), e a verdade de como se vive (respeitando ou não a correspondência anterior). A coerência de si não pode

⁴ "Court jesters were valuable. They shone light into corners that were typically very dark in an absolute monarchy. They were able to do so not only because of the permission conferred by the role, but because they made their comments with humor and the right time and place. Laughter, it turns out, is the universal solvent. A well-placed jest enabled a leader to see the absurdity of a course of action and to change it without losing face. We do not know how many people (or monarchs) were saved by the presence of jesters." (EUCHNER, 2019, p.10)

⁵ NUNES DA COSTA, M., REINVENTANDO A REPÚBLICA: ROUSSEAU E ROBESPIERRE E A REVOLUÇÃO DOS CONCEITOS. *Eleuthería - Revista Do Mestrado Profissional Em Filosofia Da UFMS*, 4(07), 2020, 28 - 42

⁶ NUNES DA COSTA, M. FILOSOFIA E ATENÇÃO. *Eleuthería - Revista Do Mestrado Profissional Em Filosofia Da UFMS*, 8(15), 2024, 173 - 187.

ser alcançada nem mantida se a ordem primordial ontológica for ignorada ou negada: como Genesis da *Torah* demonstra tão bem, numa pré-história da filosofia que ganhará corpo e sistematização com Platão e Aristóteles, a ordem é sempre fruto da ação de *ordenação* de acordo com um princípio, fundado no reconhecimento da função e finalidade - o mesmo que irá aparecer em Aristóteles, na *Metafísica* e na *Ética a Nicômaco*.

O filósofo, nesse sentido, *diz o que é*. Para dizer o que é precisa, antes, reconhecer o que é, o que supõe um critério, ou, dito por outras palavras, supõe a adesão a um princípio distintivo que oriente sua vida: *aquele* princípio racional que permite discernir a essência das coisas. O primeiro homem - *adam* - movido pelo princípio racional apenas, tinha a tarefa criadora (e por isso, a tarefa semelhante à de Deus) de nomear as coisas. A nomeação significa a captação da essência, no sentido de *ousia*.

Se a história tivesse parado aqui, a Filosofia teria permanecido nesta identificação do que é, sem espaço para dúvidas ou enganos. Mas tal como o primeiro homem foi acompanhado de uma mulher, que influenciada pela serpente escolhe expandir seu horizonte para lá do conhecimento das coisas e incluir o conhecimento do bem e do mal⁷, também a Filosofia na sua história se desviou do compromisso com a verdade ontológica e caiu na tentação de julgar o bem o mal a partir, exclusivamente, de si mesma. Essa escolha teve um preço e é esse preço que Julien Benda, num discurso que retrata sua época entre guerras, mas que olha para o passado com uma melancolia trazida pela radical consciência do que está perdido, apreende tão bem.

Contextualizando a Obra de Julien Benda: a subversão do filósofo e(m) intelectual

A obra de Benda intitulada *Traição dos Intelectuais* nasce numa época em que o conceito de ideologia⁸ já foi inventado e a Filosofia tende maioritariamente

⁷ Referência a Genesis 3.

⁸ O conceito de ideologia teve sua origem com Destutt de Tracy em 1796, e por ele compreendia-se a “ciência das ideias”, num sentido fiscalista. Em 1845-6 Marx e Engels escrevem *A Ideologia Alemã* e introduzem uma nova definição, dizendo que “as ideias da classe dominante são em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é,

a identificar-se com ele. Benda escreve em 1927. Se o situarmos na história, significa que seus interlocutores experienciaram a Primeira Grande Guerra e suas referências diretas políticas remetem ao processo de mutação dos Estados-nação europeus. “O nosso século será chamado de século da organização intelectual do ódio político”, diz nosso autor. Numa afirmação que visava apenas descrever o seu tempo, Benda se torna profético pois seria esse, sem dúvida, o tom do século vinte e início do século XXI. O ódio que ele tem em mente é o ódio nacional e de classe. Na época, as fações rivais digladiavam-se nas ruas. Em França, uma força política significativa era a *Action Française*, movimento social monárquico que tinha sucesso entre as elites e que era declaradamente racista e antissemita. Seu fundador, Charles Maurras, era conhecido por atacar sem piedade a classe dos intelectuais de seu tempo, retratando-os num panfleto de 1905, intitulado *L’Avenir de l’intelligence*, como uma “casta déclassé”, uma casta sem lugar no mundo capitalista e de comunicação de massas, que se tornara fantoche dos interesses judeus e alemães⁹. Benda, vinte anos depois, responde a Maurras e coloca a acusação de traição dos intelectuais de cabeça para baixo.

Benda demonstra, no seu texto, uma visão idealista da vida intelectual europeia, como se os intelectuais (entendidos como filósofos) pudessem distanciar-se de suas preocupações quotidianas e ocupar-se apenas com aquelas ideias que moveram a filosofia desde seu início: as ideias da verdade, do bem, do belo e do justo, assentes no princípio da Razão. Na figura de *les clercs*, Benda imagina Tomás de Aquino, Descartes, Da Vinci, Goethe, Galileu, todos eles exemplos de serem movidos por algo transcendente, maior do que a mera dimensão do poder e da necessidade. É com esta referência em mente que Benda denuncia a degeneração dos intelectuais na sua época - ou melhor, a subversão do conceito e papel do intelectual, transformado em ideólogo, que permanece conosco até aos dias de hoje.

ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante.” (MARX, 2016, p. 47). É a partir desta definição que o conceito de ideologia terá suas variações na história, consoante os autores. A partir do século XIX assistimos à proliferação de ideologias que se consolidam no século XX, nomeadamente, as ideologias do nacionalismo, secularismo, socialismo, comunismo, nazismo, estalinismo, entre outras.

⁹ Hoje observamos variações de teorias da conspiração que remontam a tempos imemoriais, onde alguns afirmam que os judeus controlam tudo no mundo; a media, Hollywood, os bancos, a ciência e até as ondas de migração muçulmana para destruir a Europa.

Com efeito, a atitude dos filósofos ou intelectuais¹⁰ sofrera alterações no século XIX, ou seja, pós Revolução Francesa e na convergência de movimentos efervescentes que puxavam em direções contrárias: por um lado, o culto da Razão universal e o discurso do progresso positivo na história, visível em textos emblemáticos de Emanuel Kant¹¹; por outro lado, a desconfiança dessa Razão, trazida, em grande parte, pela subversão dos conceitos políticos (antes, durante e após a Revolução) mas também pela naturalização progressiva da atitude crítica e da equiparação entre filosofia e ideologia, inicialmente promovida por Marx e Engels. A desconfiança da Razão tem vários desdobramentos: num mundo cada vez mais secular e desestabilizado pela redefinição dos conceitos, o sujeito procura preencher o vazio consigo mesmo: observamos uma guinada conceptual importante trazida pelo Romantismo e pelo Historicismo; afinal, foram estes movimentos que distanciaram o filósofo da concepção prévia de que a verdade, o bem, o belo e o justo são eternos e imutáveis. O valor das ideias (ou talvez seja melhor dizer, o seu preço) passa a ser medido por sua eficácia na transformação do mundo, e não sua verdade:

In abandoning their critical distance from the mundane world, modern intellectuals of left and right became moralists of realism, Benda charged, the spiritual militia of the temporal, herding the masses toward the next historical end. The scribe's defeat begins right from the point where he claims to be practical. As soon as he asserts that he takes into account the interests of the nation or the established classes, he is already—inevitably—beaten (LILLA, 2021, p.3).

É neste contexto que após a Revolução Russa e a Primeira Grande Guerra, a Filosofia, progressivamente incarnada na figura dos intelectuais, atribui a si mesma o papel de juiz dos feitos políticos: para os intelectuais comunistas, qualquer resistência ao movimento revolucionário torna-se sintoma de fascismo e de atraso; afinal, a ideologia marxista substituiu a tarefa primordial da busca da verdade com a certeza dada pelo materialismo histórico e dialético. Se Marx

¹⁰ Num momento inicial tomo o “filósofo” e o “intelectual” como sinónimo, no sentido em que ambos representam o compromisso com a verdade, a razão e a justiça. Adiante farei a distinção, para dar conta da subversão do conceito de intelectual e seu alinhamento com o partidarismo, convergindo com o conceito de ideólogo.

¹¹ Ver em especial o texto político intitulado “Ideia para uma história universal com propósito cosmopolita” de Emanuel Kant, escrito em 1784.

e Engels estão corretos, se a sua teoria é científica, então alcançamos a Verdade; tudo o resto é ideologia, isto é, sistemas de ideias que visam reproduzir o *status quo* mantendo uma classe dominante sobre as outras¹². Se a história é necessária, em última análise a discussão tradicional filosófica acerca do que é e do que é verdadeiro, torna-se irrelevante. A necessidade atualizar-se-á diante dos nossos olhos, quer queiramos quer não. A liberdade, por isso, é apenas uma ilusão. Cabe ao intelectual preparar-se e preparar as massas para acolher o inevitável. Se a liberdade não tem mais lugar no imaginário coletivo, busquemos o sentido da vida na participação da necessidade histórica, sejamos agentes de transformação e de crítica permanente a tudo o que existe.

Pouco a pouco, tudo sucumbe à lógica da ideologia: comunistas *versus* liberais *versus* conversadores; cada tentativa de explicação de mundo é reconduzida à sua compartimentalização inevitável; sem liberdade e sem Deus resta-nos apenas a luta pelo poder. Quem fala e se retrata com a pretensão de dizer a verdade é rapidamente rotulado de inimigo, representante de uma facção.

Num texto posterior ao de Benda, intitulado “Reflexões sobre a mentira” (1943), Alexandre Koyré descreve o processo totalitário com um rigor e precisão incomuns. Começando pela eliminação da Verdade e substituição desta pela verdade partidária, da facção, do partido, do movimento, tudo se torna relativo a este. Como mostrei em *Despotismos Democráticos* (2021)¹³, essa partidarização implica uma privatização do mundo e da verdade, o que significa dizer, a eliminação do comum e a substituição pela parte. A dinâmica tão bem retratada por Carl Schmitt¹⁴, na luta existencial entre partes, é o que define a

¹² A equiparação feita por Marx e Engels entre Filosofia e Ideologia justifica o deslocamento do filósofo (comprometido com a verdade e com a razão) para o intelectual (entendido com ideólogo, isto é, partidário e defensor de um conjunto específico de ideias que passam a visar não só explicar como também transformar o mundo.

¹³ Ver especialmente o primeiro capítulo da II parte intitulado “Totalitarismo em perspectiva”, onde ofereço uma leitura da inversão feita pelo regime totalitário, eliminando a verdade e consolidando-se através da produção de *homo credulus*.

¹⁴ Em *O Conceito do Político* Carl Schmitt diz que: "O inimigo político não precisa de ser moralmente mau, não precisa de ser esteticamente feio; não tem de surgir como concorrente econômico e até talvez possa parecer vantajoso fazer negócios com ele. Ele é, precisamente, o outro, o estrangeiro, e é suficiente, para a sua essência, que ele seja existencialmente, num sentido particularmente intenso, algo outro e estrangeiro, de tal modo que, em caso extremo, sejam possíveis conflitos com ele que não possam ser decididos nem por uma normatização geral (...) nem pela sentença de um terceiro “não participante” e, portanto, “apartidário”. Em SCHMITT, C. **O conceito do Político**, Lisboa: Edições 70, 2015, 51-52.

política: amigos e inimigos que, pela intensidade do conflito, assumem seus papéis e se preparam para lutar até à morte. As ideologias representam os polos definidos no campo de batalha. A filosofia sucumbe à ideologia e perde, com isso, sua legitimidade de reivindicação e reconhecimento de verdade e também da fala franca. O filósofo passa a ser ideólogo ou, se quisermos, intelectual¹⁵.

A conversão do filósofo e a (re)invenção do intelectual

Podemos dizer que o intelectual - que se vê a si mesmo no desempenho deste papel ou é visto pelos outros - precisa fazer uma escolha (moral): qual é o seu compromisso? Com a verdade ou com o partido? Que critérios tem ele que lhe permitem julgar e posicionar-se? O intelectual define-se como filósofo ou como ideólogo? A imagem e conceito do filósofo que busca e é movido por ideias que o transcendem, (aparentemente) morreu. Condenados ao plano da imanência das revoluções democráticas dos séculos XIX e XX e suas variações socialistas ou comunistas, o filósofo é reenquadrado neste horizonte pré-estabelecido onde os axiomas postulados são negativos. É preciso negar tudo o que existe, é preciso superar tudo o que está posto, é preciso denunciar todas as falhas, desvios e limites do sistema, é preciso morar eternamente na crítica e abandonar o espanto (sim, porque o espanto era a morada original da filosofia¹⁶), é preciso destruir os conceitos e substituí-los por outros (a famosa destruição criativa que irá ser teorizada por Schumpeter¹⁷). A natureza humana precisa ser transformada (de novo). Se Rousseau anunciara com Emílio o futuro homem e a futura mulher, como condições de possibilidade da nova república onde

¹⁵ Note o leitor que faço aqui uma contraposição entre filósofo e intelectual que não está presente em Benda, mas que se justifica ao trabalhar o conceito de ideologia. Benda pensa a identidade entre intelectual e filósofo, na medida em que ambos são movidos pelo compromisso com a verdade, a razão e a justiça. Por outro lado, considero que a introdução e proliferação de ideologias, isto é, sistemas de ideias que, regra geral, têm uma finalidade de explicação e transformação política, criou um abismo conceitual entre ambos: o filósofo permanece movido pelo compromisso anterior enquanto o intelectual se partidariza, isto é, toma a "parte" como causa de sua produção e ação no mundo. Assim, espero que o leitor se aperceba da mutação que o conceito de intelectual sofre neste período.

¹⁶ Ver HEIDEGGER, M., **Ser e Verdade**. São Paulo: Editora Vozes, 2021

¹⁷ Ver SCHUMPETER, J. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**, São Paulo: Unesp, 2017. Nesta obra o autor introduz a tese de "destruição criativa" como mecanismo explicativo da destruição e reinvenção do capitalismo visando o progresso económico.

natureza e virtude se encontram, é a partir de Marx que o indivíduo é reduzido à coletividade e passa a ser pensado exclusivamente através dela. A esperança que os *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* representam para alguns leitores depressa é toldada no imperativo da luta de classes que não admite qualquer desvio da norma. Simone Weil, militante do partido comunista nos anos 30 do século passado sentiu na pele a tirania do partido: não se admite que alguém ouse pensar pela própria cabeça, quanto mais tentar salvaguardar sua identidade pessoal e liberdade única.

Se os filósofos são reenquadrados neste horizonte, significa também que sua existência enquanto "filósofos" depende dessa conversão: a conversão da busca da verdade, do belo e do justo para a busca do ideal definido pela Parte. Os filósofos, por isso, e num certo sentido, para sobreviver (mesmo se salvando apenas o rótulo), tornam-se intelectuais. Alguns acolhem de bom grado essa mudança e assumem protagonismo no movimento da História. Como um pequeno elo que captura pelo seu ímã todos aqueles que o cercam, os intelectuais criam "escolas" e não escondem mais sua ideologia e seu partido: existencialismo, feminismo, construtivismo, etc. Admite-se a pluralidade das ideologias desde que elas partilhem o horizonte comum da ideologia mãe que é sempre *política*. O processo foi tal que depressa se tornou quase impossível ter um intelectual desalinhado do poder - se não do poder político, certamente do poder cultural e da produção do imaginário coletivo.

Quando Benda fala da traição dos intelectuais ele está a pensar naqueles que substituíram a busca da verdade, do bem e do belo pela lógica da utilidade ou eficiência histórica. Essa substituição coincide com a ascensão de movimentos políticos que passam a captar todo o imaginário coletivo, em particular, os movimentos nacionalistas. Para Benda esse era, sem dúvida, um dos males de sua época; o nacionalismo era o exemplo da paixão perigosa que poderia pôr em xeque os ideais reguladores do filósofo. Sua intuição foi confirmada com a Segunda Guerra Mundial, exemplo do conflito derivado pela mentalidade nacionalista por excelência (mesmo se pode ser levantada a questão do nacionalismo como mero meio para um fim que transcende a nação e que supõe uma visão imperialista e total do mundo). Benda considerava que o intelectual - no sentido de *clerc* ou filósofo - precisava comprometer-se com o

uso da razão abstrata e evitar, a todo o custo, ser cooptado por guerras ideológicas.

Essa posição viria a ser repensada em 1946, ano em que a Universidade de Genebra promoveu o primeiro encontro internacional de intelectuais para discutir o “espírito europeu”¹⁸. Nesse encontro, Julien Benda e Karl Jaspers revisitam suas obras da década de 1920. A história recente fizera com que Benda reavaliasse sua posição original - de que o filósofo se deve abster de considerações políticas e mundanas - e converta-a num novo imperativo. O filósofo pós-guerra tem o dever de se posicionar politicamente e defender a democracia. A democracia passa a ser, para Benda, a única forma de regime político capaz de salvaguardar a liberdade individual - condição necessária para o pensamento. Sem esta, qualquer busca de verdade, beleza e justiça estará condenada e enterrada.

Uma das razões para Benda pensar que, em última análise, a defesa da democracia não significa nem traz consigo a adesão a princípios específicos que poderiam facilmente convergir em movimentos ideológicos - nacionalistas, comunistas, etc. - é o fato da democracia resistir à definição, ou dito por outras palavras, o fato de que a democracia não consegue, pela sua natureza de *dissenso*, impor uma ordem absoluta sobre o povo. A democracia como regime é suficientemente ampla para abarcar dentro de si visões competitivas, seja da ordem económica, moral ou de gestão. Ou seja, a defesa democrática é suficientemente ampla para evitar a convergência com um partido político. No horizonte democrático o papel dos intelectuais é promover o rigor do pensamento racional, focar-se no carácter universal do conhecimento e cuidar para não ser influenciado pelos particulares mais propensos às paixões, como é o caso da literatura ou das artes em geral.

Mas neste sentido, como pensar a relação entre o intelectual e a política? Qual o seu papel fundamental? Como evitar a partidarização das ideias e das lutas ideológicas? Edward Said dizia eloquentemente que o papel do intelectual é “publicamente levantar questões embaraçosas, confrontar a ortodoxia e o dogma”¹⁹ e que isto causa contrariedades e desconfortos. Mas não foi esse

¹⁸ http://palimpsestes.fr/textes_philo/jaspers/rencontres.pdf. Acesso a 9 de outubro de 2024.

¹⁹ SAID, E. **Representations of the Intellectual**, Vintage: London, 1994, p. 10.

exatamente o papel que os intelectuais do século XX e XXI assumiram, convergindo paradoxalmente na luta ideológica da qual Benda queria escapar?

A traição dos intelectuais revisitada - tragédia anunciada?

Pensemos na figura do intelectual hoje, no seu papel e sua relação com a política, e procuremos identificar se podemos falar de uma nova traição dos intelectuais e se sim, que formas ela assume. Para o nosso propósito, olhemos para a universidade e o modo como seus objetivos têm sido redefinidos ao longo das últimas décadas - redefinição e transformação que não é particular apenas a um país como o Brasil mas que se espalha e representa uma tendência em vários países do mundo.

As universidades - com certeza as “melhores” universidades do mundo que são medidas e avaliadas segundo determinados critérios impostos pelo "mercado" - tornaram-se “marcas” que precisam vender-se bem para se manterem vivas. Hoje, os programas das várias áreas de conhecimento precisam justificar sua existência, não pela importância dos valores da área, mas pelo lucro ou pelo impacto social, ou ainda pela adequação aos objetivos 2030 da ONU. Cursos competem entre si por recursos, bolsas, alunos, buscando diagnosticar e colmatar as taxas de evasão ou de insucesso medido pelas provas nacionais (vide ENADE). Para que as universidades resistam às novas pressões de mercado, é preciso cultivar o deslocamento permanente da “busca pelo conhecimento” para a adequação ao mundo dado. A gestão torna-se prioritária: não só a gestão dos recursos, mas das normas e regulamentos, das atividades docentes e das tabelas infindáveis que a nova burocracia exige. A “excelência” surge como *cliché* que se repete até à náusea, obrigando à publicação desenfreada de artigos e livros que ninguém lê: mas alguém avalia, mede, julga e isso reflete-se no todo. Ao sucumbir à lógica da burocracia - que, lembremos, era a pior forma de governo de todas segundo Arendt²⁰ - as universidades abraçam na prática uma ideologia que dilui o intelectual nos imperativos momentâneos ou dito por outras palavras,

²⁰ ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

que reenquadra o intelectual no horizonte pré-definido do que é possível ou não dizer, pensar e pesquisar.

Olhando para trás, percebe-se o perigo da politização das instituições universitárias, visível no exemplo do alinhamento destas com o Partido Nazi. Os professores alemães judeus na época em que Benda escreve foram os primeiros a ser expulsos do espaço acadêmico, em favor da recuperação do espírito alemão nacional. Os novos ocupantes dos cargos podem ter aderido ao Partido Nazi por crença ou por mera conveniência, isto é, por oportunismo de querer subir na carreira e ver na eliminação do outro a sua grande oportunidade. Substitua-se "Nazi" por outras coisas hoje, e veremos que a dinâmica é a mesma. O conformismo aos dogmas da época, inclusive sob a pretensão de serem "críticos", elimina o espaço que a liberdade acadêmica exige e substitui a busca pelo conhecimento pela imposição contínua da farsa. Poderíamos facilmente reconstruir a genealogia destes dogmas que são apresentados como óbvios e naturais às suas fontes ideológicas e à história das ideias, mas isso levar-nos-ia para outro caminho. O que queremos reforçar é que os novos intelectuais sucumbiram à ideologia dominante que define os contornos das áreas do conhecimento e com isso comprometeram a sua missão original, subverteram seus princípios e condenaram seu destino²¹. Hoje, as universidades de elite americanas (que pautam o caminho ideológico para virtualmente todas as universidades do mundo) são um retrato pálido e trágico do que uma vez foram: desde a figura de Claudine Gay, presidente de Harvard exposta por plágio, a Liz Magill, presidente da Universidade de Pensilvânia, percebemos a loucura à qual chegamos quando, perguntadas no Congresso se a promoção de genocídio de judeus, não só em Israel mas no mundo, contrariava a código de conduta da universidade, responderam "depende do contexto", recusaram-se a condenar o antissemitismo, ao mesmo tempo que apregoavam defender as bandeiras da "diversidade, equidade e inclusão"²². No relatório mais recente que mede a

²¹ Claro que a liberdade acadêmica não é condição suficiente para perseverar na tarefa da busca da verdade, do belo, do bom e do justo, mas ela é condição necessária, e espera-se que surta impacto além dos muros das instituições. Era isso de que Kant falava ao introduzir a distinção entre uso público e uso privado da razão: em última análise, precisamos garantir a possibilidade de poder falar francamente, de questionar tudo e pensar em voz alta com os nossos co-cidadãos.

²² Claudine Gay, Presidente de Harvard, e Liz Magill, Presidente da Universidade de Pensilvânia, foram chamadas ao Congresso Americano no dia 5 de Dezembro de 2023 depois de várias

liberdade acadêmica²³, Harvard estava no fim da lista: professores não são livres para expor suas ideias e alunos também não. O conformismo impera.

Talvez por isso Benda tenha revisto sua posição em 1946 e reconhecido que a condição necessária mais fundamental para a liberdade de pensamento é a garantia da democracia, entendida quase no sentido arendtiano de aparição no espaço público em que o sujeito se torna igual por *poder falar e agir*. Foi essa traição dos intelectuais dos anos 1920 que conduziu diretamente ao totalitarismo (a traição da justiça e da democracia) e é essa traição que se repete hoje.

Dizia Montesquieu em 1734, num texto intitulado *Considérations sur les causes de la grandeur des Romains et de leur décadence*, que quando não se ouve barulho na *polis* a liberdade está ausente. O desafio hoje é claro: resgatar a dignidade da atividade de bem pensar sem se vender às urgências burocráticas e facilitismos mundanos que escondem, sob o pretexto da “democracia”, reais projetos totalitários.

Referências

ARENDDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

BENDA, J. **A Traição dos Intelectuais**. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 2007.

EDELSTEIN, D. **The Terror of Natural Right – Republicanism, the Cult of Nature & the French Revolution**. Chicago: Chicago University Press, 2009.

EUCHNER, J. The Corporate Jester. **Research-Technology Management**, 63(1), 2019, 10–11. <https://doi.org/10.1080/08956308.2020.1686262>

HEIDEGGER, M. **Que é isto - A Filosofia?** Tradução e notas: Ernildo Stein, 1955. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-65198/que-e-isto---a-filosofia>. Acesso 20 outubro 2024.

HEIDEGGER, M., **Ser e Verdade**. São Paulo: Editora Vozes, 2021

manifestações nos *campi* onde alunos dessas mesmas universidades chamavam por Intifada Global e extermínio dos judeus, apoiando o grupo terrorista do Hamas. Ver <https://www.youtube.com/watch?v=1jBHvx7POz8>. Acesso a 1 de Outubro de 2024.

²³ <https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/censura-nas-universidades-cresceu-ou-estagnou-na-maior-parte-do-mundo-em-uma-decada-diz-relatorio/>. Acesso a 10 de outubro de 2024.

KOYRÉ, A., & RIOS ALVES NUNES DA COSTA, M. REFLEXÕES SOBRE A MENTIRA. **Eleuthería - Revista Do Mestrado Profissional Em Filosofia Da UFMS**, 4(6), 2019, 177 - 192.

MARX, K. **Economic and Philosophic Manuscripts of 1844**. Saint Paul: Wilder Publications, 2015.

NUNES DA COSTA, M. **Despotismos Democráticos**. São Paulo: LiberArs, 2021.

NUNES DA COSTA, M. FILOSOFIA E ATENÇÃO. **Eleuthería - Revista Do Mestrado Profissional Em Filosofia Da UFMS**, 8(15), 2024, 173 - 187.

NUNES DA COSTA, M. Simone Weil and the dangerous Myths of Science and Technology. **Labyrinth**, 25(1), 2023, 136–156.

NUNES DA COSTA, M. REINVENTANDO A REPÚBLICA: ROUSSEAU E ROBESPIERRE E A REVOLUÇÃO DOS CONCEITOS. **Eleuthería - Revista Do Mestrado Profissional Em Filosofia Da UFMS**, 4(07), 2020, 28 - 42.

SAID, E. **Representations of the Intellectual**, Vintage: London, 1994

SCHMITT, C. **O conceito do Político**, Lisboa: Edições 70, 2015, 51-52

WEIL, S. **The Need for Roots – Prelude to a Declaration of Duties towards Mankind**. New York: Routledge, 2002.

Referências Online:

LILLA, M. “Treason of the Intellectuals”, 2021, in <https://www.tabletmag.com/sections/arts-letters/articles/treason-intellectuals-julien-benda>. Acesso a 1 de Outubro de 2024.